

NOVA ESCOLA

Matemática: os erros nos livros

Para professores do 1.º Grau - ano III - n.º 25 - outubro 1988 - Cz\$ 250,00



MAUUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ (VIA AÉREA) - Cx 323.00.



As escolas-família se espalham

*Um modelo de ensino capixaba
adequado ao meio rural é
adotado também em outros Estados*



O Espírito Santo sempre foi conhecido pela deliciosa moqueca de peixe encontrada em suas cidades litorâneas. Agora, os capixabas estão ganhando uma outra fama: a de exportadores de ensino. É isso mesmo. Durante 20 anos, desenvolveu-se no Espírito Santo um modelo de escola rural que demonstrou ser adequado para filhos de agricultores e que, por isso, está sendo adotado em outros nove Estados brasileiros. Trata-se da escola-família agrícola, implantada em 11 municípios capixabas e, mais recentemente, em dezenas de cidades da Bahia, Piauí, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Amapá, Minas Gerais, Amazonas e Rondônia.

Iniciativa — As escolas-família são uma iniciativa do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes) — associação sem fins lucrativos, criada em 1968 por representantes da Companhia de Jesus —, dos prefeitos, dos vigários, dos agricultores, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e da Associação dos Amigos do Espírito Santo (entidade formada em Pádua, na Itália). Além de educação básica, o Mepes oferece assistência médica, atendimento para crianças menores em 11 creches e atualização e formação de professores, atividades



financiadas através de convênios junto ao governo do Estado, prefeituras, Legião Brasileira de Assistência e três entidades filantrópicas sediadas na Holanda, Alemanha e Itália.

Reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação, o curso na escola-família tem duração de três anos e é equivalente ao de 5.ª a 8.ª séries. Nele só se matriculam crianças com mais de 14 anos. Humberto Noventa, um dos assessores do Mepes, expli-

ca que essa escola foi criada por causa da existência de muitos jovens com idade avançada, que só poderiam continuar os estudos, além da 4.ª série, se mudassem para as áreas urbanas. Mas não era apenas a falta de escolas que provocava, no Estado, um preocupante êxodo rural. Segundo Noventa, os pequenos agricultores capixabas, descendentes de alemães, poloneses e, principalmente, de italianos, começaram a abandonar suas terras no final da década de 60, desestimulados pela política de erradicação do café. "Era preciso implantar um ensino que estimulasse a reflexão sobre essa realidade, a fixação das famílias no campo e a busca de formas de desenvolvimento na região."

Para isso, o Mepes introduziu, em 1969, as escolas-família em Rio Novo do Sul, Anchieta e Alfredo Chaves, municípios localizados no sul do Espírito Santo. Com uma metodologia não-convencional, baseada na experiência francesa das *casas familiares*, esse modelo de escola rural deu certo e novas unidades foram construídas no norte do Estado, acompanhando os processos de assentamento de agricultores sem-terra.

O segredo da metodologia está na alternância (períodos de permanência em casa e na escola) e no plano de estudos. No sistema de



Na cooperativa, uma pesquisa sobre comercialização

alternância, cada turma de alunos passa 15 dias em suas casas uma semana na escola, em regime de internato, o que permite ao jovem estudar sem prejuízo do trabalho na lavoura. Mas é o plano de estudo que mantém o aluno ligado à sua realidade. No final de cada período de internato, professores e alunos elaboraram um questionário sobre um determinado tema de interesse geral. Cada criança discute e investiga o tema, com sua família, durante os 15 dias em que permanece na propriedade rural. Então redige suas conclusões e, quando volta para a escola, coloca-as em debate no grupo, que elaborará uma síntese.

Temas de estudo — No primeiro ano, os temas são de caráter geral, como a família, a terra, a alimentação e a saúde. Depois tornam-se mais específicos: culturas do café e da banana, criações, comercialização de produtos, indústrias rurais etc.

Quando a reportagem de Nova Escola esteve em Alfredo Chaves, no início de maio, por exemplo, os alunos do 2.º ano do curso discutiam o plano de estudo sobre comercialização. Acompanhados de colegas da escola-família de Rio Novo do Sul, eles haviam visitado antes a Cooperativa de Produtores de Banana do Espírito Santo, onde foram procurar informações sobre intermediação e as formas de evitá-la.

O plano de estudo possibilita a integração dos conteúdos das disciplinas que compõem o currículo. Os textos elaborados pelos alunos, individualmente ou em grupo, servem para as aulas de Português e são temas geradores para o ensino de técnicas



Foto de Len

Uma cena comum na escola-família: debate em classe sobre temas do cotidiano



Uma reunião do conselho de pais e professores

agrícolas, História, Geografia e Matemática. Todo o material produzido (textos, desenhos, questionários) é juntado, por cada aluno, no seu Caderno da Realidade.

As aulas não são apenas teóricas. As crianças aprendem a adubar, a plantar e a criar animais na escola, instalada em terrenos cedidos por órgãos públicos ou particulares. O dinheiro arrecadado com a produção agrícola é revertido para a manutenção da escola. Além disso, cada aluno pagava, em maio, 500 cruzados por semana de internato. "É pouco. Não paga nem a comida que a gente recebe aqui", diz José Tarciso Dirr, de 20 anos, aluno da escola-família de Rio Novo do Sul.

Como ele, Ozília Maroto, de 23 anos, também não tem do que reclamar. Ela, que estuda em Alfredo Chaves, garante: "Recebo um bom tratamento e o ensino tem ajudado a gente a valorizar o nosso modo de vida. Além disso, aprendemos a viver para a família e para a comunidade, repartindo nossos conhecimentos".

Compromisso — O entusiasmo também atinge os professores, chamados de operadores ou monitores. Lucínia Partela Perusi, por exemplo, já havia lecionado numa escola estadual para alunos de até 4.ª série. Ela critica o livro didático e os currículos da escola formal, que "estavam fora da realidade rural". Mesmo tendo que atender às crianças no internato em tempo integral, fazer três visitas anuais às famílias dos alunos, dar as aulas e receber por isso 28 mil cruzados mensais (salário de maio), ela não pretende desistir. Nem tampouco Valdemar Belém, também professor em Alfredo Chaves e ex-aluno da escola-família. "Essa experiência desperta a gente, que se torna mais aberto, aprende muito", diz ele.

O comprometimento ideológico dos professores é grande.



Foto de Len

O sucesso da escola-família deve-se também à boa formação prática do professor

Esta é uma condição indispensável ao bom andamento do trabalho, e começa a ser buscada já na fase de escolha dos candidatos. Sérgio Zamberlan, coordenador do Centro de Formação de Piúma, explica que os professores foram selecionados através dos seguintes critérios: ter origem nas comunidades rurais ou nas escolas-família e ser comunicativo e integrado às atividades comunitárias.

Sérgio Zamberlan informa que o Centro de Formação também é responsável por cursos de atualização para os atuais 60 monitores das 11 escolas-família do Espírito Santo. Além disso, ele organiza encontros sobre agricultura alternativa e temas educacionais.

O mais interessante em todo o

projeto, no entanto, é a participação dos pais e de ex-alunos. Eles integram os conselhos administrativos por escola, têm representantes nos conselhos regionais (Norte e Sul) que se reúnem bimestralmente e na junta diretora do Mepes.

Colaboração — Arli Petri e Cecílio Rigoti Petri, ambos agricultores em Alfredo Chaves, revelam que desde o início acreditaram no projeto da escola-família. Tanto que ajudaram na arrecadação de fundos para implantação da unidade de ensino na cidade. "Meus filhos, antes do Mepes, tinham que ir estudar fora e lá dificilmente encontravam lugar para morar. Com a escola aqui, tudo ficou mais fácil: eles aprendem muito e aplicam esse conhecimento na

roça. A escola ajudou muito a melhorar nossas relações, pois ela estimula a conversa entre pais e filhos com o plano de estudo", explica Arli.

Quando surgem problemas na escola, no entanto, pais e professores levam a discussão aos conselhos regionais. Em maio, na Regional Sul reunida em Rio Novo do Sul, Alexandre Sguamaro, pai de ex-aluno, revelou que há hoje dois problemas na escola de Alfredo Chaves: a necessidade de ampliação dos alojamentos femininos e a pressão da comunidade para que o Mepes passe a atender crianças de 10 a 14 anos. São dois problemas comuns a outras escolas-família. Segundo Alexandre, o número de meninas matriculadas aumentou de 5 para 13 no ano passado, demonstrando que os pais estão vencendo o preconceito de que "mulher não precisa estudar". Além disso, eles não querem que os filhos fiquem até quatro anos à espera de uma oportunidade de entrar para a escola-família.

A direção do Mepes está preocupada com isso. Primeiro, porque haverá um aumento de matrículas nas 11 escolas, que hoje atendem a mil crianças, e isso exigirá novos investimentos. Em segundo lugar, porque é preciso regularizar o curso para quatro anos de duração, sem mexer nem descaracterizar a sua metodologia. E, por último, porque essa regularização implica também a reformulação do curso de formação dos monitores.

Tudo isso já está sendo discutido com a professora Alda Pessoti, da Universidade Federal do Espírito Santo, que pretende ajudar o Mepes a apresentar um projeto de regularização do curso ao Conselho Estadual de Educação. ■

Reportagem de Robinson Sasaki